



cole-  
ção ca-  
der-  
nos

# álbum de memórias

adelaide de estorvo beatriz rgb **benjamin belchior**  
caio jade **dani silva** davi santiago **diran serafim**  
félix perini **francis** guilherme calixto **gustava hidrael**  
isabô saldanha **isis** lía marimacha **m<sup>a</sup> fernanda**  
**ghuirardelli** thomaz oliveira **vitor gaiotti**  
vitéria melo **vitéria um milhão**

RECORDAÇÕES

MEMÓRIAS TRANSEUNTES

TRANSCENDER O  
MUNDO



álbum de memórias  
transcendidas

DESÁGUA

RECORDAÇÕES



desague de  
memórias transeuntes

# álbum <sup>URA</sup> de memórias

MEMÓRIAS URADAS

textos&imagens de

- adelaide de estorvo
- beatriz rgb
- benjamin belchior
- caio jade
- dani silva
- davi santiago
- diran serafim
- félix perini
- francis
- guilherme calixto
- gustava souza
- hidrael
- isabô saldanha
- ísis
- lía vallejo
- maria fernanda ghirardelli
- thomaz oliveira
- vitor gaiotti
- vitória melo
- vitoria um milhão

“Reivindico meu direito de ser um monstro.”

Susy Shock

Editora Monstra é um projeto editorial da Casa 1, que tem como propósito documentar e fazer circular pensamento produzido por pessoas LGBTQIA+.

A Casa 1 é um espaço de acolhida para jovens LGBT de 18 a 25 anos que foram expulsos de casa por suas orientações afetivo-sexuais e identidades de gênero, e também uma Clínica Social e um Centro Cultural aberto e gratuito pra todo mundo.

Para mais informações, acesse [casaum.org](http://casaum.org)  
e [monstra.casaum.org](http://monstra.casaum.org)

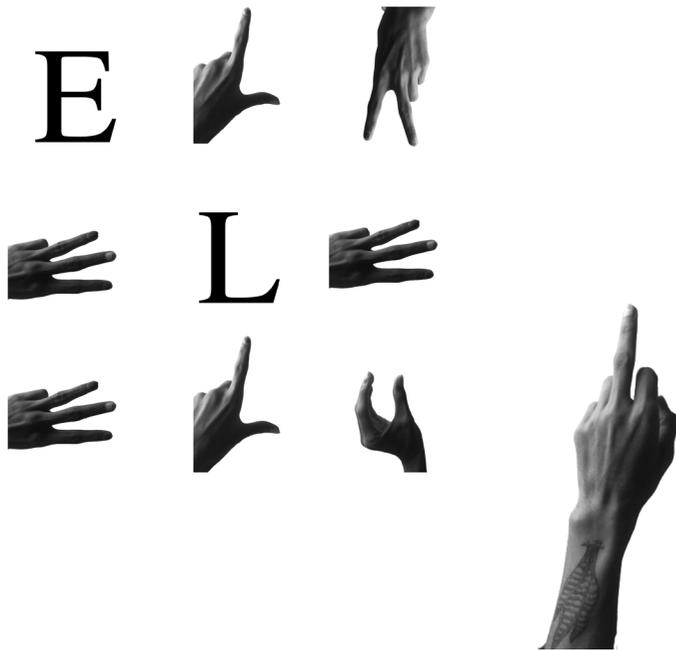


## **A autobiografia não é uma escrita do eu, mas de uma coletividade**

Tenho aprendido muito desde que comecei a estudar e a partilhar os saberes ligados às autobiografias trans. Ao ser convidado pela Casa 1 para facilitar a oficina de criação literária que resultou neste livro, me senti desafiado e recorri à técnica que tem me amparado em minha caminhada como professor: criar vida em coletividade. Fomos muitas vozes articulando, expressando, sentindo. Por quase 3 semanas, a gente ouviu, falou, silenciou, se emocionou e até chorou um pouco, porque nos arriscamos a nos expandir, e todo peito que se abre dói quando se percebe maior. Sinto afetos e agradecimentos que transbordam páginas, retorcem línguas, estilhaçam pensamentos pré-fabricados. Estar com as pessoas que compuseram esse livro foi uma oportunidade de retomar culturas antiquíssimas e atualizá-las nos nossos pulsos de vida. Recriamos línguas, códigos e nomes, investigamos outros mundos além das normas impostas sobre nós. Espero que os leitores se entreguem com generosidade às nossas experiências e aos rastros dos nossos processos de criação. Esses são caminhos um tanto misteriosos e provocantes. Investigar a si mesmo é espelhar quem está à nossa volta e refletir quem veio antes de nós.



e.: cortar o dedo de deus para também fazer um livro em sete dias; se escreve com caneta não com talento; toda hora nasce uma poesia, e também morre, pára pra ver; poesia se escreve sem as mãos ou com cinquenta e duas.



Eu sou a linha do tempo bagunçada sem início, meio e fim.

Aqui eu me refaço sem o olhar alarmante daqueles que me enxergam como a objeção de uma era, ora objeto nas noites de tentação e ora/ção aos Domingos de interseção.

Um corpo sem alma mas considero-me uma alma sem um corpo.

Que blas/fêmea! eles disseram

Me quiseram enfiar num conceito que eles mesmo propuseram. Enquanto continuam gritando, eu atravesso a Rua do cais todos os dias a passos largos, correndo uma maratona e o prêmio é minha sobrevivência. Me encontro na desconfiguração de uma corrida para encontrar desobstrução de vias.

Eu penso que sou tanto, tanto, tanto que nem caibo nesse porto biológico.

Minhas vírgulas não faço ponto final. Estão ali mas não acabam em mim.

Amar/dores que são amadoras e mergulhadoras de mares,

rios, oceanos que desaguam na minha seringa.

Um corpo-porto-biológico.

Eu sou a reza que eu fiz pra deus.

Eu sou o louvor que cantam no altar.

Eu sou o meu próprio lar.

Perdi para achar, saí pra ficar e morri pra viver.

Quero tanto ser que já esqueci de quem sou.



a tra-ves sar  
so bre  
vi ven ci as

u

pre cada pessoa ~~forte~~

que existam

~~outras duces~~

outras duces

como nois

u

coletivos invisiveis

indiviveis

indissociaveis

intermitentes

inominaveis

a não ser  
que se diga  
seus nomes.

a  
de  
laide  
vai  
de  
lado

a de lai de  
ñ é de lady  
é de estorvo

ame laide  
a me-lada

a de  
linda eu não sou  
mas  
ah  
de longe  
melhorou



e percebeu que era amargurada ressentida que todos os caranguejos da praia tinham lhe subido pelo coração isso foi já a certa altura da idade do tempo passou a vida dedicada a não deixar que faltem velhas mas quando por fim ficou uma achou ruim estava cansada do gengibre do doutorzinho das meias na hora do sexo uma história que se for contada é capaz que acreditem as pessoas adoram alguma coisa pra acreditar eu mesma se deixar monto uma loja de crenças com as que empilhei no curso dos anos uma autobiografia pode ser um antiquário mas também uma filial da daisu eu queria que a minha não fosse hoje eu não queria ser autobiografada um problema do livro é que ele não te deixa mentir eu gosto tanto de mentir menti tanto que era velha que acabei uma toda encaranguejada eu vou montar uma banquinha com meus caranguejos todos na beira da estrada que vai pra bertioga quero que minhas lembranças belisquem quem fica preso no trânsito detesto quem suporta ficar preso no trânsito eu escreveria isso na minha autobiografia provavelmente de dentro de um carro cansado já de marginal. tudo isso talvez porque eu queira largar de lembrar, eu lembro tanto lembro de tudo, lembra?!

encaranguejada  
velha  
gengibre  
crenças  
detesto  
menti  
belisquem  
marginal  
largar  
trânsito  
= belisquem

exercício de aforisma:

cês que são cis que se belisquem!

Vou selecionar dez palavras. Vamos lá. Solavanco. Toró. Trama (de transições). Instante (da recusa). Desejo (placer). Belisquem. Armadilha. Brecha. Deixou de ser (turno da noite). Feitiços. Agora vou cortar cinco. Solavanco. Toró. Trama. Instante. Placer. Belisquem. Armadilha. Brecha. Deixou. Feitiços. Vou cortar mais três. Solavanco. Placer. Belisquem. Deixou. Feitiços. Vou cortar uma. Solavanco. Feitiços. Jogo do ceifadore. Encantaventos. Que cantem os ventos de um novo amanhã. Oração.

Ame-n



**[Ben]jamin**

Me deram um B pra Bá  
 E ali mesmo eu quis modificar  
 Pra me caber e saber  
 que o B podia a mim pertencer

A derivação é de [Ben]

Naveguei  
 Flui  
 Renasci

Eu me escolhi  
 Acolhi  
 Me benzi em águas salgadas - Meu bem, tudo bem?  
 Ben - te - vi  
 Ben - te - quis  
 Ben - te - chorei

[Ben]ção

Benjamin ou Benjamin?  
 Sempre confundem com multiplicador de tomadas

**um segredo por outro**

Se eu pudesse te contar um segredo  
 te contaria em detalhes  
 como saí vivo.

Mas a verdade  
 É que nem eu sei.

Contaria como fui corajoso,  
 Mas a verdade é que tive medo  
 e me escondi  
 diversas vezes.

Contaria o que fiz nos piores dias  
 pra tentar me manter são.  
 Mas a verdade é que nem tentei,  
 nem fiz nada,  
 e enlouqueci rapidamente.

Se eu pudesse te contar um segredo  
 te contaria do que brincam as meninas  
 antes de se tornarem homens.

Mas, na verdade, eu mesmo, por exemplo,  
 me tornei qualquer outra coisa  
 menos homem.

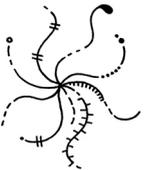




o nome que me deram nunca foi encanto,  
e sim maldição.  
por causa dele eu morri umas mil vezes,  
talvez até um milhão.

que minha mãe me perdoe,  
mas esse presente eu recuso  
já que ele não me serve, não vale a pena guardar.

tenho um buraco no peito  
e uma faca na mão,  
continuo morrendo,  
mas aprendi a matar.



Aforismo da  
palavra “ir”:  
ir em direção ao  
erro, também, é  
um acerto

Eu não esperava encontrar ele naquele dia. Ele estava na minha mente já há algum tempo. Vinha me preparando mentalmente para chamá-lo na pela internet, na segurança e conforto que ela só ela podia me proporcionar...Mas lá estava ele, sorrindo e cumprimentando as pessoas, se apresentando na maior naturalidade. E eu? Bom, eu só conseguia pensar: como ele conseguiu? Onde será que ele foi? Que caminho foi esse?

Após umas poucas palavras trocadas, lá foi ele. Usufruindo de uma calma que me faltava naquele momento. Como se a existência dele não tivesse plantado uma semente em um solo que até então eu não considerava fértil, chamado possibilidades. E, nas possibilidades, essa existência certamente cresceu e floresceu! Um processo lento, por vezes doloroso e que, honestamente, não tem fim (e o que tem?). E nessa caminhada de crescer e florescer ele tratou de regar essa semente comigo com o que tinha nele. Outras pessoas também regaram com o que tinham. Foi naquele momento que eu vi que era possível ser. E, vendo Diogo possível, fiz Thomaz ser também. E sou, prazer.



Ser inteiro x Fazer parte de um todo. Ser inteiro & Fazer parte de um todo. Estou inteiro aqui, sendo parte desse belo todo.

numa tarde nublada em santos, num dia aleatório, eu e Mari passamos horas chapados olhando um grupo de caras jogando bola. não me lembro de comentar que “queria ser um desses caras”, mas ela guardou isso para si, revelou alguns anos depois. dias antes havia me interessado mais intensamente por um amigo do trabalho. acho que em partes me sentia atraído por ele, mas nas minhas fantasias eu não era A, eu era eu. fiquei confuso. não conseguia entender o que era aquela curiosidade “repentina” pelo ~uni-verso masculino~ e a princípio me preocupei: “será que agora sinto desejo por homens?”. tendo passado anos sendo considerado uma sapatão, me apeguei à identidade como um totem imutável. veja bem - e essa categorização veio como um elemento dado, um nome sobre o qual eu não tinha escolha. tentei me convencer do contrário e horas, dias, noites, meses e anos se passaram numa tortura incessante, no qual eu batalhei contra duas pessoas, igualmente poderosas, dentro de mim. no ônibus da volta, à noite, as luzes se mesclavam com imagens: onde começa meu desejo, meu corpo, meu desejo, meu corpo? queda vertiginosa, náusea. inúmeras vezes me chamaram de ele, antes mesmo de me reconhecer diran. esses momentos me causavam medo e repulsa. ora, sempre fui uma criança medrosa, como poderia bater de frente com todos assim?

diran dirão duran dura  
duro dirá dita, dito  
começa na brincadeira de  
ditado  
diran dirá que dirão ser duro  
ran ran, forma de ressignificar  
rraraaaanranranranran (moto e motor)  
embaralha, está tudo dito  
exposto aos olhos de quem quer ver  
e diriam que o diran dirá  
escolhi esse justamente pra ver só aqueles que  
querem ver

Toda tarde eu ia lá. O sol ainda estava claro o suficiente. Eu já havia chegado da escola, minha mãe estava conversando com a vizinha, meu pai nunca vinha e minha irmã, não sei onde. Era nossa primeira e última vez morando juntos, apenas nós quatro. Eu dividia o quarto com a irmã, duas camas de solteiro. Minha cama sempre com três estampas diferentes: travesseiro dos dálmatas, lençol de baixo com tema de computador de mesa e lençol de cima do homem-aranha. A da minha irmã era rosa e morangos. Eu sempre quis trocar as camas por um beliche, não importava em que posição eu dormiria, apenas a ideia de ter algo não convencional me animava. Já não acho a ideia do da troca boa. Eu amava o meu lençol do homem-aranha.

Mesmo que não fosse eu quem trocasse minhas roupas de cama, eu havia escondido debaixo do colchão, na esperança que ninguém encontrasse. Sendo aquele o melhor esconderijo possível no meu pensar. Lá ela não durou muito tempo, se perdeu, foi tirada dali, mas nunca de mim. De pensar que estava sempre debaixo do meu colchão e que a qualquer momento alguém iria achar, me deixava ansiosa, porém ainda mais animada com meu segredo. O quanto mais eu temia, mas aquilo me valia.

A casa estava silenciosa. Olhando para os cantos, eu levantava roupas de cama, pegava com rapidez, sentava, abria, olhava e olhava. Ficar encarando o máximo de tempo possível era meu prazer. Em alerta, eu tentava escutar vozes e passos. Se eu fosse rápido o suficiente, colocaria novamente debaixo do colchão e ponto. Se eu fosse pega, teria que pensar rápido, chorar, inventar alguma desculpa pelo meu mal feito. Felizmente, dessa vez, não tive. Eu sempre abria a mesma página, o resto do conteúdo, apesar de também ser arriscado, não me interessava, pois, só naquele estava o porquê de toda minha animação e aflição. E toda tarde eu ia lá, abria no meio da

revista e ficava contemplando aqueles dois homens felizes se comendo.



## **pois o reino de deus não consiste em palavras, mas em poder**

Era verão, estávamos na praia e tínhamos acabado de almoçar. Toda minha família estava na beirada, conversando e nos observando. Eu estava apenas de sunga, sem peitos, brincando com a minha irmã. O dia estava lindo, especificamente naquele lado do mar, onde à tarde se formava uma piscina ao lado do recife. Íntimo. Meu local favorito quando o mar deixava-o existir.

O sol batia nas áreas mais bonitas sem incomodar os olhos. A água estava perfeita e cristalina, quase que consegui ver o siri que por pouco não pisei. Minha avó sempre disse que eu era muito descuidada. Os cardumes faziam seus shows. Eles nadando entre nós e vice-versa. O castanho do recife estava em realce. Onde a água não tocava, se formava uma pequena caverna com suas protuberâncias cortantes. Eu tinha medo de me ralar toda por ali. Uma tarde de graça.

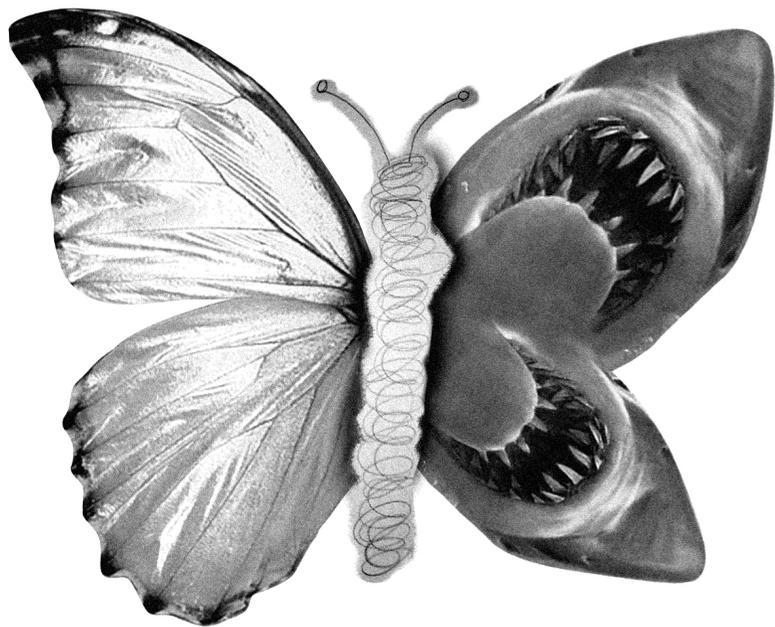
Eles eram lindos e divertidos, a energia descompromissada e fala brincalhona. Me envolvia. Tinham se aproximado de mim e da minha irmã. Os dois primos, um tinha minha idade e outro a da minha irmã. Estávamos nos observando, fazendo o primeiro contato para uma possível boa brincadeira. Não tínhamos muita sorte em fazer novas amizades, então sempre éramos nós e nossos próprios primos nas tardes. Animadas com a possibilidade dessa acontecer.

Minha irmã, eloquente, se deu o trabalho de fazer toda a sala. Eu sempre quieta diante de estranhos, resguardada. Mesmo que eu quisesse, quanto maior nossa interação, mais eu me sentia incomodada. Começaram a chamar minha atenção, me agregar valor e nomes, anunciavam nossa diferença e o meu não pertencimento ao mundo dos primos. Intrusa e sem nenhum mundo sob meu domínio, me fechei ainda mais e tentei fingir que apenas os peixes

estavam ao meu redor. Ela, presente e de punhos fechados, expulsou os donos de mundo. Fechou a boca dos leões. Aliás, o mundo também a pertence, mesmo que reivindicações tenham sempre que serem feitas.

Após a retomada do poder, a tarde já não era a mesma. As minhas questões estavam expostas, mais uma vez, e eu não obtive sucesso em cobri-las novamente. Os adultos logo perceberam. Meu pai, também dono de mundo, leão de boca grande e caída, não entendia minha renúncia ao meu domínio herdado por falo e semelhança ao meu genitor. Me cobrava posse do que era meu. Meu pisar no mundo. Já não estava no mar, agora não havia peixes ao meu redor. Fiz promessas de clamar. Perto daquele lugar ainda consegui habitar sem escritura, por pouco tempo. Logo logo todo o mundo teria donos e eu não teria mais onde nadar.





Pra quem come  
sempre, comer  
é somente um  
hábito; pra quem é  
comida, o renascer  
é diário

A A U U U U U U U U

sento um dor  
minha mãe me beliscou

aquele *Auuuuu*  
esse dor em meu braço  
me lembrou que sigo aqui  
Ela sempre poderia invocar minha dor  
Um *aaaauuu...*  
Pa' lembrar onde estava  
Um *aaaau* para me calar  
Um *aaau* para que não brincara as lutas  
Porque as meninas no lutan nem se rastejam

Eu me movía de pança  
Meus pes no queriam obedecer  
Porque sempre tinham que me dirigir  
Onde **devia** ir,  
onde **tinha** que ir,  
onde me **exigiam** ir...

**¡ALTO!...**

U U U U U U U U

Eu.

eu sou.

Estou.

Aqui.

Estou aqui.

Não sou mais os pés que me levam

Eu levo mi *a n d a r* ,  
meu caminhar e agora consciente

Até onde possa chegar  
Até onde eu quera chegar

Até  
Chegar a  
*s e r*

Eu sempre estou mudando

**MUDANDO**

Sou biodegradável

Soy mutante

Soy isso e aquilo

Sou bio-ilogicus

*S o y*

Me arranquei o braço  
Não quero mais beliscos.

Agora  
Além de *uuuuu*,  
Além de *bio*,  
Além

Sou o que não está terminado  
Sou *devenir*.



De novo. Incontáveis as vezes que te corriji ao se referir a mim. O que deveria significar 'GATÃO'?

O que poderia estar, você, vendo colado em minhas faces? O que pode significar para mim estar do lado de cá? Eu não sinto sua mão me tocar onde deveria, sinto que fazes questão de inserir seus indicadores diretamente nessa ferida aberta em busca de vê-la abrir-se mais e mais. Teu afeto bate como bola de borracha, não no chão, na cara mesmo. Ele não fica em momento algum, volta sempre a ti, deixando-me com marcas e uma dor de cabeça. Sento-me aqui ao teu lado e permaneço só, faço questão de te olhar nos olhos e saborear meu eeeee te atingir. Ele cai duro no chão e se espatifa em milhares de pedaços e antes mesmo de eu poder desviar dos pedaços pontiagudos preciso desviar de seu grosso e redondo ooooooooo. Puta merda como preciso ter agilidade para permanecer só ao teu lado, horas de yoga para poder conversar contigo sem perder o equilíbrio. Um dia você vai me levar para jantar no melhor restaurante da cidade, fará questão de que borrem todos os Os e As ao meu redor, me vestirá com o mais bonito E que eu já tive oportunidade de conhecer e eu não precisarei de estratégias para fugir de bolas de borracha.



nomear

busquei na mitologia  
busquei no mundano

lembro que chapei, fui ver anime e lá  
estava eu fazendo uma lista de nomes neutros  
me parecia legal pensar nessas coisas diferentes  
sei lá a lista morreu em hidra

u nome ficou  
i uma hora eu só deixei né, permiti

hidratei, hidralisei, hidroponizei, hidrenei  
do verbo eu fiz carne  
carne grande, robusta, firme  
até conceitual

hidra duna vento

como um feitiço né  
elemental e pessoal  
água seca e árida, sem lugar na areia  
e também vapor gota e até gelo estando no ar

mas tem o bo né, retificar então  
fala ai meu brother que que você quer nesse  
papelzinho que define toda sua vida  
só que perái perái é um nome só ou nome composto  
ein nada de mexer no resto  
risos quanta liberdade

dai eu pensei  
e eu ousei né  
eu sou ar, aquário, mas com muita água,  
câncer também  
então veio essa era do cabelo moicano invertido  
cabelo endiabrado  
diabo combina tanto com anjo né não  
eu quero ser tão grande e admirável como um anjo  
como Lúcifer poder escolher  
miguel rafael gabriel uriel  
hehehe  
arcanjo hidrael, prazer

orbitar  
pertencimento,  
nunca  
encontrar  
lugar  
pra afundar

comodos

desejo  
um segredo  
operas um

pebs

de um

centos

essas palavras estão sendo d/escritas por uma voz que habita esse corpo, mas que já o deixou e se expande por toda parte do mundo conhecido pela cisgeneridade branca enriquecida. a eu (não "o" eu), essa voz espacializada na matéria deste mundo, venho introduzir um registro de algo que me marcou com um estilo de Ser incabível a forma que atualmente soul. desse modo, o que tenho para contar é algo de antes, diz respeito ao movimento retrógrado da memória de um corpo, hoje, em processo de cura, porém outrora já ferido pela forma como o mundo está implicado em mim. de tal maneira, que tudo aquilo que um dia visto, foi apenas insuficiente para capturar essa matéria ondular em que vos fala e circunda. assim, ressoo as primeiras tentativas feitas de me nomear, primeiro: "viado", depois: "bichinha", bem como aos gestos supostamente constrangedores:

- i) "isso daí é frescura"
- ii) "aprende a andar direito"
- iii) "aprende a não pular feito moça".

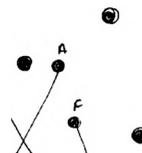
desta última, a matéria invisível em que há em mim, desistiu da ginástica e do ballet para a entrar no karatê, sempre com a tentativa-falha de não levantar desconfiança de tudo que já não poderia continuar a ser negado. tentativas-falhas, muitas, de aprender a Ser como eles, meninos e homens cisgêneros, até o limite em que seria im/possível enumerá-las:

- 1) "não diga 'amei', diga que 'gosta'"
- 2) "assiste ao jogo de futebol"
- 3) "corta o cabelo para não parecer mulher"
- 4) "meninos não brincam com bonecas, abra já essa porta! destranque essa porta! eu sei que você está se escondendo aí para brincar com elas e se chorar, vai apanhar mais!"
- 5) "segura o choro, aguenta!", e por aí vai e foi tanto que aprendi a palavra "travesti " aos 9 anos e fiquei encantado, pois sabia que ali havia um ensinamento:

a eu. ainda estou aprendendo a lidar com o repúdio a que me foi imposto e as suas im/possibilidades, mas o espaçotempo do presente, não me deixou abandoná-la, a primeira bixa-travesti da minha infância foi a eu, aquela que mobiliza um saber que vacilava entre: "tudo bem ser viado, só não vira mulher". tudo bem Ser... mas até um limite = não-Ser. então, reiniciava-se os rituais políticos de cisgenerificação:

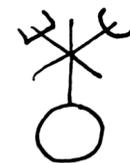
- a) "tira esse rímel!"
- b) "você passou lápis de olho?"
- c) "horrível!"
- d) "ridículo!"
- e) "você não conseguir encontrar emprego"

e por aí vai e foi y fui e soul. desde este movimento retrógrado que, hoje, retornei a fase em que consigo respirar através daquilo que me asfixiou para contar esses segredos da memória: a voz que habita esse corpo. a eu diz para continuar imaginando a vida outramente, ir além dos espaçotempos pequenos dessa matéria.



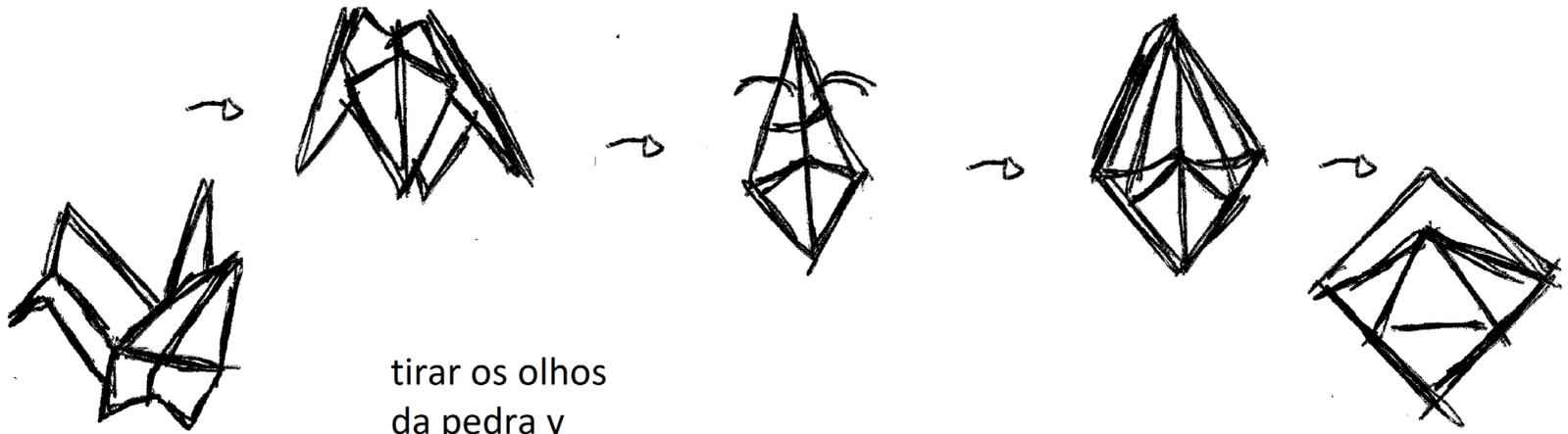
Um eu não se faz sozinho, na real isso nem é possível, mas também não estamos aqui pra dizer o que é possível e o que é impossível, na moral. Dessa maneira, a autobiografia não é uma escrita do eu, mas de uma coletividade que pulsa junto ao mundo. Afinal, quem disse que o eu e o mundo são duas coisas distintas?

andei ensopado com o R., mesmo tendo um guarda-chuva. era nossa última tarde e a gente se despedia com um abraço que se enroscava na mão chamando para mais outro abraço. ninguém diria que era a terceira vez que nos víamos, caminhamos amigos na chuva. meu cabelo molhado ficou ainda mais batido, a bermuda cargo pesada, pelo menos a camiseta larga e preta de raios não marcava nada, a máscara N95. atravessei a avenida de onde nos deixamos e fui a uma padaria na Madre Benvenuta com o passo lento de quem nunca entrou em algum lugar e olha curioso. um homem que trabalhava lá notou minha presença tateante, veio falar comigo e, pelas minhas costas, escutei: “posso ajudar, meu amigo?”. quando me virei de frente para ele, senti uma hesitação em seu olhar. não era aquele lugar do “ahm, desculpa, moça” que tenta te ler de alguma forma. isso, inclusive, raramente acontece comigo. foram algumas as vezes que me chamaram no masculino até escutarem minha voz, até verem algum brinco meu, até repararem nas minhas curvas — ainda mais se estou de vestido ou roupas justas, ainda que, quando reparam em meus pelos, cabelo de barbearia e estrutura corporal, a imagem se torça. mesmo que eu não acredite nisso, muitas pessoas são crentes. mas, nas vezes em que me tiram para homem, nunca se desculpam e parece que ficam em um estado de constrangimento: tu não é homem, mas também não te identifico como mulher. não me interessa o pacto de legibilidade que reduza essa ruptura do binário a algo reconhecível, acredito que a fé na transparência é uma armadilha. quem está comigo, anda comigo. porém, quando me chama no masculino assim na rua, algum prazer me atravessa, e foi isso que me fez perceber como também gostava que me chamassem de ele e não só de elu ou ile ou ili ou eli. sinto um gosto.

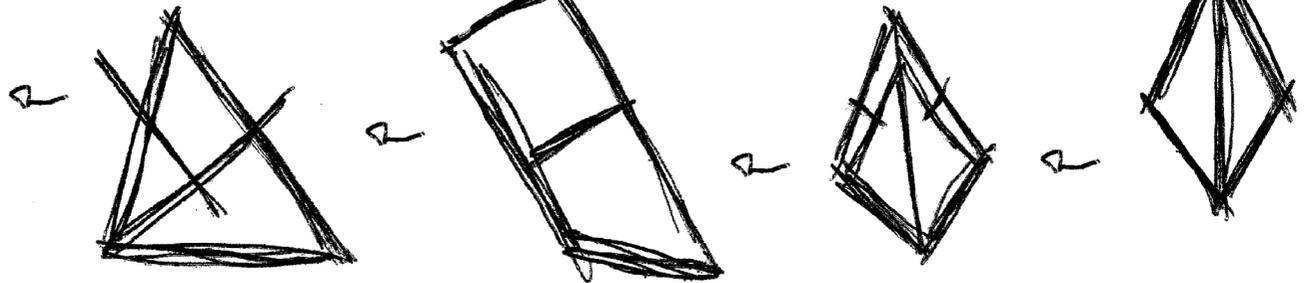
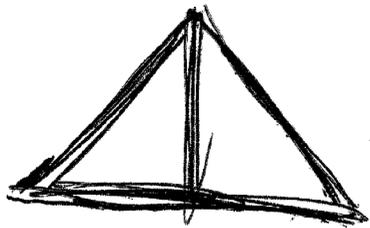


[sobre as] corpos visíveis e corajosas que atravessam nossos caminhos para que consigamos recalculer nossas rotas. toda linha de fuga é uma espécie de traição toda linha de fuga é um seguir para o deserto - dentro das nossas andadas nos vemos sozinhos dentro das nossas andadas andarilhas atravessamos nossos desertos interiores. caminante no hay camino: o caminho se faz ao andar. nos movimentos quebramos a rigidez dos muros (foda-se o concreto). ailton krenak diz: importante encontrar pessoas que nos digam: eu sei do que você está falando. nossas famílias são outras, ressignificamos o significado de linhagens, renomeamos quem são nossas irmãs. a importância da memória mas também a importância do esquecer: esquecer quem somos destinadas a ser, enterrar nossos nomes mortos. fazer do processo um ritual de cura. a máscara também é nosso rosto.



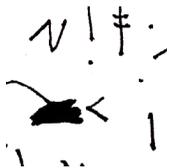


tirar os olhos  
da pedra y  
fazer a  
transvessia



o anti-passáro  
flutua nos céus  
apesar de.

compostos de relações que são a tessitura do que nos mantem vivos. se existimos na dimensão do reconhecimento, se (de)encontrar parece ser tarefa de sobrevivência. não traçaram um mapa pra que nos achássemos e a forma como podemos circular é (ir)restrita; vamos pelo trajeto do que não se vê. preenchamos - nunca completamente - as brechas onde podemos existir e orbitamos em um movimento de colisão, é que quando duas órbitas se cruzam há uma alteração em suas rotas que afeta suas existências pra além do tempo da espera. pra cada vez que não podemos aguardar, porque o movimento é também o que nos mantem seguros. penso em tecer tramas impossíveis, em costurar campos gravitacionais que são sempre apesar de. e desenvolvemos dialetos que costuram tempo e espaço em um encontro que dura ou que acabou de acabar e fica. aprendemos a desaprender a língua e também a esconder tesouros em mensagens codificadas. tudo como tentativa de atravessar, de se deixar ser permeado. e forçamos a passagem, assim como forçamos a vida através do concreto, apesar dele, em um tempo que não chega.



## **eu quero fuder cada pedaço do seu corpo**

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
como se nunca tivesse vindo aqui antes  
com a certeza de não poder voltar...

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo,  
desde as dobras da sua orelha  
a parte de dentro do cotovelo  
e o mar que existe entre suas pernas

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
tornando-os todos objetos sexuais  
membros-sexuais  
todo o seu corpo é sexual  
inclusive o formato das unhas  
dos pés

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
e sentir roçar os pelos das pernas uns nos outros  
os pelos pubianos com os da face  
lábios que se confundem de tanto falarem  
a linguagem sagrada  
do gozo

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
sentindo a intensidade da respiração pelo pescoço  
que teima em ficar no meio das minhas mãos apertadas  
(as peles suadas de quem nunca fomos e nunca seremos)

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
como um molotov que explode no meio da Paulista,  
a avenida mais movimentada de São Paulo,  
deixando tudo em chamas

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
como se eu pudesse jurar, amor  
que eu não sou louco

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
como se pudesse desmembrá-lo pra comer na viagem  
depois de pegá-lo rápido no caixa de algum fast por-  
n-food  
ou de cinema

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
e fingir que os hematomas são tatuagens verborrági-  
cas  
gritando pra fuder de novo e de novo e de novo  
com mais força dessa vez  
não, não para!

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
como se a gente não se importasse com o que veio  
antes disso  
nem depois  
talvez, com o agora  
na verdade a gente só se importa com a bateria do  
vibrador, que já ta acabando

eu quer fuder cada pedaço do seu corpo  
sem as pausas pra água:  
eu sei muito bem onde devo beber

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
pra me fazer sentir como se não estivesse morto

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
pra te ouvir gritar ou falar baixinho  
'ai não, vai devagar, mete devagarinho'  
enquanto eu fodo, eu fodo, eu fodo  
(porque esse é o nosso combinado  
e depois a gente troca)

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
como se fosse o corpo inteirinho  
e aí quando eu fuder cada pedaço como um inteiro  
terei fudido verdadeiro

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
 e te fazer gozar todo o trabalho sexual acumulado e  
 não remunerado por décadas  
 talvez séculos  
 de uma só vez  
 em um orgasmo que dure por horas  
 que é mais ou menos o que acontece depois que  
 você me fista

eu quero fuder cada pedaço do seu corpo  
 como se tudo isso ainda fosse pouco  
 porque  
 na verdade  
 é.

o ambiente de troca inspirador, o olhar quentinho de cada uma na tela, a ansiedade de entrar na sala para produzir e para ler sua produção, poder ver força e beleza nas minhas ficções, se orgulhar das máscaras de retalhos que fiz pelo caminho, não tentar ser alguém, se deleitar na certeza de que já se é. pode ser que nenhum dos ditos sejam devidamente lembrados, mas cada ideia de existência, cada conceito de mundo e cada troca enriquecida no diálogo irão ficar conosco para sempre, só quem pôde dissecar conosco o processo de cura do queijo refletido em nossas realidades saberá o peso desse encontro. uma orgia de pensamentos.



tramas de  
transições

com

fazer(-se)

entre

Uma linguagem-  
indizível se  
manifesta com  
nosso corpo. A vida  
em nós pede que  
estejamos atentos  
para traduzi-la

**é peito ou é miragem?****postura**

pé esquerdo mão direita  
 mão esquerda pé direito  
 fogo na cabeça  
 peso no salto  
 barriga balança  
 salto no peso  
 quadril alcança  
 anda como se o mundo acabasse sobre os pés  
 dá voltas  
 fica nua, só 10  
 confia confia e vai

**pescada**

fecho os olhos  
 me esforço para te ver  
 agora eu tenho cheiro  
 agora eu posso ver  
 antes de dormir, ao acordar  
 só vem você  
 todo dia te imaginando  
 me esforçando pra sentir  
 estás tão longe de mim agora  
 ensaio sem saber se terei estreia  
 mas ensaio sem pressa  
 vou só de calcinha e com a boca bem aberta  
 sinto vc no meu ouvido  
 sinto meu dedo te puxando  
 quadril, o meu e o seu juntos  
 nós duas colocadas uma na outra  
 acaba na minha boca  
 termina, minha cabeça na teu peito  
 eu te desejo

**nunca me senti tão perto de você**

quanto mais cresce mais eu quero  
 aliso aliso aperto aperto  
 fico pagando  
 nunca canso  
 toco em tudo  
 vasculho e vou indo indo  
 subindo indo  
 boca  
 descendo endo  
 coxa  
 aperto e não solto  
 só falta rasgar  
 gostaria disso  
 mostro peito  
 mostro bunda  
 mostro pau  
 duro ao entrar, vai mais fundo  
 reto  
 só resta óleo que dentro de mim se espalha, me  
 consome  
 deixo lamber  
 e só mergulho  
 indo cada vez mais  
 eu só me orgulho  
 me dou inteira para isso  
 me leva e me faz  
 eu estou pedindo  
 piso e faz barulho  
 piso forte e aumenta  
 cu pra geral vê  
 amostrô na praça  
 gravo e desenho  
 desço as escadas  
 mostro e jogo  
 hoje só me divides de calcinha  
 um sempre está ligado e o outro sempre a dormir,  
 alguém tem que acordá-lo



**v de vim a ar der de mim**

vitoria  
 vislumbra  
 visita  
 vistosa  
 vergonha  
 velada  
 valia  
 verbA  
 vinda  
 volúpia  
 venha  
 visita  
 vigia  
 vara  
 verídica  
 vadia  
 vença  
 vitoriosa

**três marias**

Meu nome eu traduzi.  
 Eu já tinha re-cebido. Re-ssabido. Re-ssabiada.  
 Per-cebido. Per-sê vejo.  
 Mudei de o pra a.  
 De português pra bajubá. Qual é essa grafia?  
 Mudei o pronome vbeabhcybcakcvceKVCgUv ...  
 E GANHEI MAIS !!!!  
 Minha mãe é Maria  
 Minha irmã vyieavlabvla tem Maria no nome  
 Depois  
 Elas me deram Maria também  
 Sou Maria-vai-com-as-outras  
 Somos 3 Marias



# Quem tira o sono de travesti também ficará sem dormir

Ela tá na TV. A sua presença desperta algo.

59

Sussuros do público. Será que ela é?

Estou sendo injusta? Sim. Alguns nem a chamam pelo pronome feminino.

Não é uma questão de preferência dela.

Ser mulher é a sua essência, assim como cada um sabe ou busca a sua.

Mas o questionamento virá e vem.

Os donos da ciência, com suas lupas, seus microscópios, se aproximam da tela para investigar. Examinam cada centímetro, esperando saltar um motivo aos olhos, qualquer coisa que revele a natureza da criatura. Um insight.

Me vejo ali no lugar dela. O corpo sendo dissecado por olhares constrangidos, consumível.

Objeto de estudo. Que gera certo fascínio, certo medo.

Sinto isso.



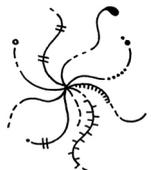
Cada vez que uma brecha se abre, o que já foi concreto se mostra incompleto, e então eu posso ser



Apropriar-se de si é um processo doloroso, e dar conta do peso de habitar um corpo e uma mente nem sempre parece possível, quase nunca, na verdade. Mas aí eu me lembro de alguém que fez da impossibilidade uma identidade, um nome e um endereço. Uma vida inteira.

Olhos espantados e bocas abertas nunca foram capazes de censurá-la, muito pelo contrário, só fizeram alimentar o espetáculo que foi a existência de Sucia. Espetáculo esse que durou pouco, mas mudou meu mundo.

Em meio a ervas, flores e frutos, nossa amizade brotou, se tornou algo lindo e grandioso, que pra sempre eu vou guardar no fundo do meu coração. Agradeço infinitamente pelas linhas que traçamos juntos, e mesmo agora que o silêncio toma conta de tudo e a fumaça se dissipou, me lembrar da sua risada e do seu cheirinho de mato fresco me leva diretamente de volta pros nossos fins de tarde, pra praça e pra fronteira, e então eu entendo que dá sim pra se divertir às custas do caos. Dá sim pra ser, até não dar mais.



Só espero ter  
tempo para ter  
tempo

Vitor se entendia como gente, só. Título surgiram para encaixotar e ele não sabia em qual se encaixava. Pesquisas e pesquisas mostraram que Possivelmente ele era não-binário, mas talvez agênero, continuava sem saber.

Não era adapto da linguagem neutra para se autoneamar por uma questão de costume a usar os pronomes masculinos, porém compreendia a enorme importância da utilização para outras pessoas.

Ele se sentia menos por não utilizar a linguagem, acreditava que não pertencia a qualquer núcleo.

Além de tudo sempre que abre a boca para tratar de gênero sentia que estava completamente errado, não sabia se sabia falar. Amava ouvir e acreditava que nunca sabia o suficiente para discutir.

Qualquer questão de gênero transformar Vitor em um vulcão, transpirava por todos os lados e fervia.

Se sentia um grande idiota.



processos de escrita coletiva, um rasgo em tudo que foi escrito no singular, sem pensar ou ousar imaginar no plural. muitas e tantas ex/orbitâncias se movendo em cenários e projetando telas para um futuro não planejado, mas já pronto para acabar com tudo que nos foi negado. aforismos. prosas. poesias. imagens. estamos aqui para lembrar e não esquecer da invenção. à todes, obg pelo acolhimento. vivyas apesar deles.

nada importa, tudo  
importa, o que será, será  
deixa fluir, como a água  
deixa levar, como o ar  
deixa consumir,  
como o fogo  
deixa repousar,  
como a terra  
deixa  
tentar, com os erros  
fazer tijolos dourados  
caminhar, sem pensar  
que poderia ser diferente

# Todos os dias atravesso a rua Cistema com medo de ser atropelado

## O morro onde eu moro

67

Um dia eu tive que atravessar o morro de onde eu moro. Um morro de medo danado pra subir. Assisti (aos) meus demônios enquanto subia e chegando lá em cima fiquei paralisado. Fosse a visão panorâmica, fosse o esforço, fosse o passado, fosse a iminência do presente, fiquei paralisado de cansaço. O mundo me pedia mais. Cada, cada, cada vez mais. Cada pedacinho de mim ao máximo, sempre. E eu ia, ia dando, ia dando, deixando levar, pra ver se algum dia essa porra ia parar — não parou, não parará. Bem, subido o morro, tive de descer, tive de achar o meu lugar. Descer de onde moro, descer de onde morro, daquele morro de medo. Foi fácil no primeiro passo. O segundo foi em falso e caí rolando todos os 15 metros de altura — que agora se acumulam em 19. O terceiro passo ainda não dei, mas está para acontecer. De certo que já dancei, e já saí voando, e já corri pra um lugar bem longe de onde morro de medo. Mas mesmo assim, ainda não saí do morro.

Assisto à todos os meus demônios enquanto morro de medo no morro em que eu moro

(15.02.2018)



**Texto. metalinguagem do corpo.**

Texto-ronizado

Testoironizado

Textoionizado

Textorrizado

texto. que me deixa irritado e mimado.

testo que traduz os símbolos do meu enigmático

transformando em signo um significado

que foi demasiado dramático

d'eu assumir.



Daquela primeira vez, eu e Thaís, era ensino fundamental e a gente brincava de lutinha com os meninos. Ninguém nos avisou, mas a diretora viu e ficamos de castigo. Na segunda vez, na mesma época foi porque eu gostava também de jogar bola. Depois disso, teve a vez que foi porque eu tinha braços fortes e corria muito; naquela outra, porque eu queria andar a cavalo em vez de brincar de boneca; a outra vez porque eu não quis beijar o Lucas; a maior delas, vinda do garoto que eu gostava, porque ele me achava feia; também foi a falta do corpo e o corte de cabelo; foi pela forma de andar, por conta da camisa e da calça alfaiataria, foi também, por gostar de mulher. Em todas as vezes, me faltou ser mulher.



**de onde nasceu a diva**

A vida toda fui tratado como um homem. Nunca me perguntaram se eu era um homem, mas só me trataram como um. Eu, capengando, um homem, descobri que não era nem certo: não queria beijar moças. Quem me chamava de homem, já não chamava mais. Agora, chamava de viado. Então eu já não era mais homem. Não fazia sentido ser homem se ser homem era ser algo que eu nunca fui. Nessa confusão toda de ser algo que eu não era, eu me encontrei. E eu já não era mais homem. Nem era mulher. A minha vida mudou quando me vi maquiado. Aquele menino arreganhado de medo se sentia uma diva. Esquisita, talvez pouco elegante, mas diva. Aquilo era além de não ser homem: aquilo era ser eu. Tinha vontade de melhorar aquele traje e até usar drag, mesmo que, por causa das coisas de sempre, eu soubesse que não poderia. Mas sentia que cada segundinho de fluir daquele menino pacato para algum outro lugar valia o mundo, mesmo que voltasse a ser, depois, o mesmo menino medroso de sempre. Hoje, limitado como estou, ainda não sei definir se eu sou preso ao binário ou não. Eu só sei que a beleza de ser diva me fascina e que davi é só um dos pequenos trajes que eu uso porque me empurraram.

**que seja**

Diva divagando devagar pelo mundo  
 Perdeu-se ao nascer, na luz do luar  
 Alguma hora insana veio a se encontrar  
 Só aceitou que ela era do submundo

Deriva de uma diva que perdeu-se na vida  
 Teve seus momentos roubados  
 Seus loucos delírios assassinados  
 Nunca amou a si mesma, apenas foi comida

Se ainda diva quer ser davi,  
 Ou se davi não deixa de diva ser  
 Não há nada que lhes possa deter  
 Só há liberdade que os tome para si

## o velho

Existem algumas coisas das quais eu não gosto de falar, mas que independentemente disso atropelam as tantas vozes que tumultuam minha cabeça e imploram por serem ditas. É difícil de escolher, todas as cenas parecem iguais e doem de um jeito muito parecido. Se ao menos eu pudesse fazer alguma coisa, pensava o velho em transe, eu...

Seis horas da tarde. Logo mais as crianças chegam e todes estarão juntas para o jantar. Menos o mais velho, que estará ao lado da porta de entrada em sua cadeira de balanço, apenas observando a brisa passar.

Uma vida inteira... Pra quê? Uma vida inteira jogada fora, pra quê? Fez o que pode, é verdade, mas não o que quis - se tivesse feito o que queria, estaria preso na certa... Se bem que... quando as pessoas são verdadeiramente ruins, elas não são pegadas nunca. Foi então que o velho abriu um sorriso e lembrou: sua criação estava pronta, faltava só testar (mais uma vez).

Algo lhe dizia que aquele seria seu último dia vivo. Não tinha dúvidas, era o dia de testar aquela belezinha. O velho caminhou até a garagem abandonada e fechou a porta. Levou um tempo para achar o interruptor, mas acendeu a luz e viu-se diante de anos de estudo.

A máquina era simples. PhD em física, o velhote achou, certa vez, uma fenda no tempo-espaço e anotou as coordenadas. Tinha a tese de que poderia viajar no tempo-espaço através dessa fenda, só precisava de algo que ajudasse a determinar onde e quando, especificamente. Mas, pela primeira vez, isso não importava.

Tinha criado uma conexão tão grande com a fenda que não importava. Ele iria caminhando, através dela, para onde quer que fosse, fazer qualquer coisa que fosse necessária para que sua vida não tivesse sido em vão.

Aguardou e teve uma lembrança triste, para o qual foi teletransportado pela fenda na mesma hora. Estava mais novo, mais vulnerável e... bem, tava completamente fudido. Tinha fincado as mãos nas pernas e se arranhava muito. Com frequência puxava os cabelos desesperadamente, mal conseguia respirar - mas achava bonito o delineado borrado e a emergência da sensação de estar enlouquecendo, só não gostava mesmo era do ápice, do que vinha depois, do logo a seguir... Um choro descabido. Descabidamente silencioso, ainda que agonizante. Um choro de quem se pergunta “como eu vim parar aqui?” e “quem são vocês?”, ao mesmo tempo em que tenta entender quem se é e quem deixou de ser para estar naquela situação. Muita coisa pra uma criança, que de inocência não tinha nada, mas... porra, fodasse, isso não importa. Muita coisa pra uma criança. O velho pôde estar ali, naquele momento, por dentro da pele da criança, chorando. Pôde sentir toda aquela dor correr por todas as suas juntas e logo pôde, também, chorar por dentro da pele de velho.



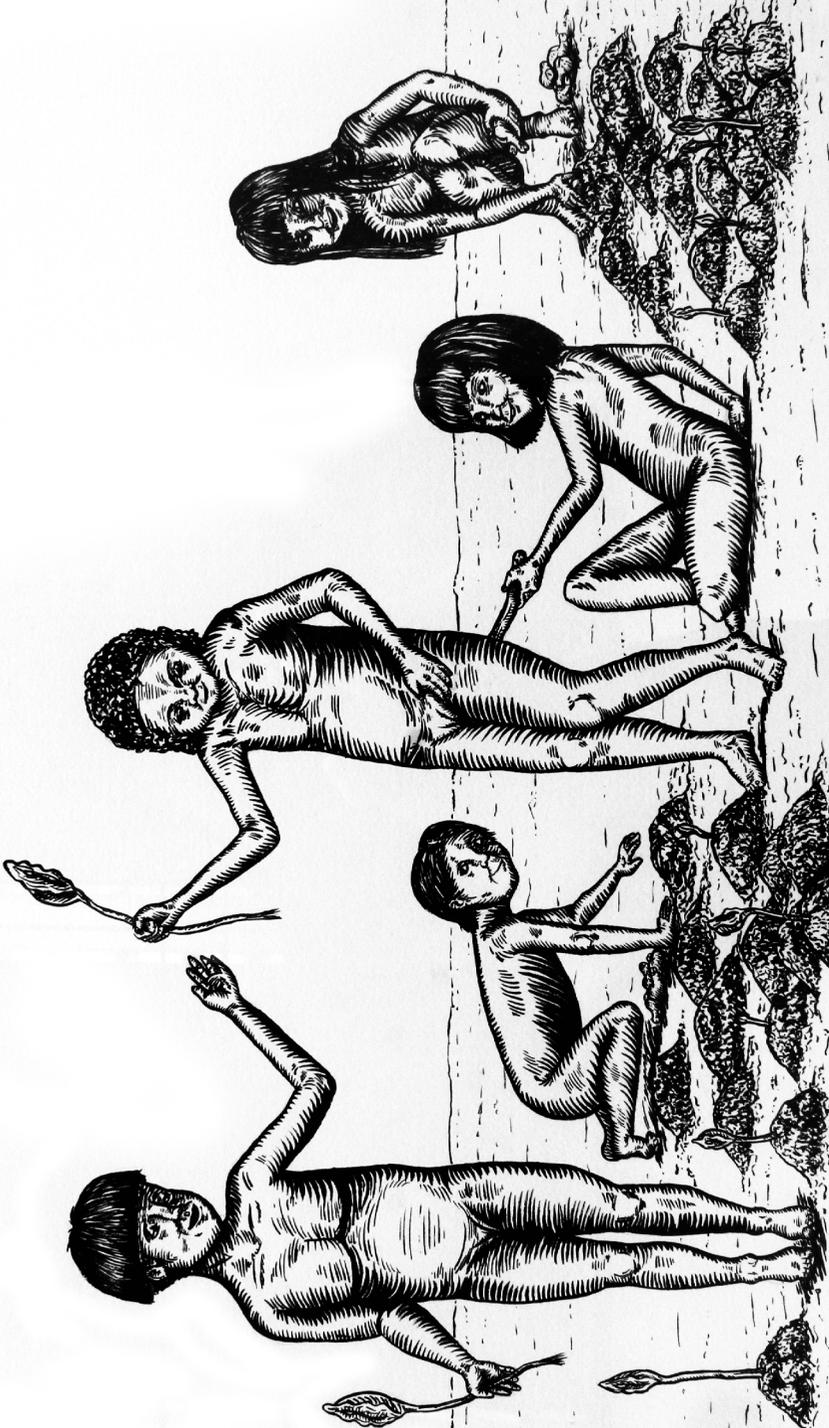
**PRESENÇA**

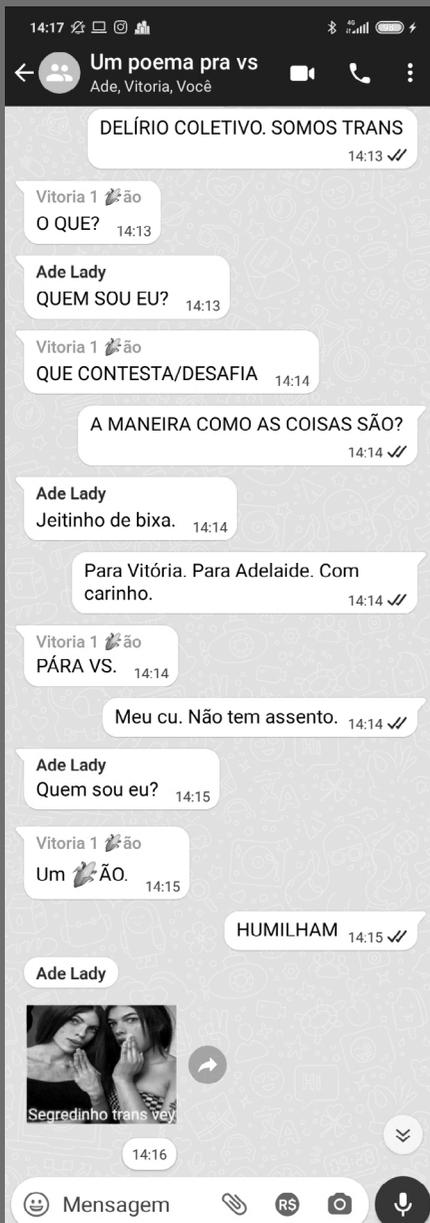
substantivo feminino:  
qualidade do que chama a atenção e impressiona  
no meio turvo do indefinido  
é corredeira quente que pressiona  
que força até parar  
aquilo que já existia  
de dentro pra fora  
e de fora pra dentro  
e de dentro e de fora  
e de fora no dentro  
complemento da falta, da lacuna  
daquela angústia que Lacan - e aqui falo merda  
sempre acerta na minha análise  
querer ser solução pra brecha aberta  
que implode e existe no que não é

o conceito é abstrato  
como daquela vez



Pessoas  
contraditórias são  
as que mais fazem  
sentido.  
Só existe quem se  
contradiz.  
Só quem é louco  
nega suas próprias  
contradições.  
Quem não se  
contradiz ou não vive  
ou deixou de viver.





à g.c.v.

O  
g, como você está?  
da última vez que te vi não te vi  
porém, haviam as nossas vozes perfurando os seus  
espaços  
era tão agradável estar naquela frequência  
sintonizadas para além dos ruídos muitos dos  
fantasmas e policiais  
não deixe de nos escrever com tinta verde e força  
lembra?  
da última vez que te não te vi  
porém, as cores das suas palavras já davam o corpo  
da nossa conversa

quando eu te vi  
olhava a sua arte, aquela de um pornô sáfico  
adulterado.  
zombando do sexo e do gozo  
você ocultou os corpos porque eles nao importam  
nem com a gente  
nem pra eles  
apenas seguem suas forças e destinos  
um dia ouvi num lugar que gente é feita pra ser feliz  
e eu me lembro disso  
quando eu te vejo

1  
escrevo de longe  
de um lugar além  
fora de tudo aquilo conhecido no tempo presente  
escrevo no futuro  
aqui  
onde estou  
a chuva é diária  
o arco-íris, também  
e conversamos por telepatia  
em 2015 o mundo estava ruim  
porém, hoje  
no dia 15 de novembro de 3100,  
escrevo de longe para te aproximar  
dizer que:  
as coisas estão melhor  
todes estão bem

Geralmente eu me sinto feito peixe fora d'água,  
quase nunca eu me sinto alguém.  
É como se cada dia fosse uma fantasia, alucinação.  
Uma coisa só minha.

Mas aqui, agora, vendo e sendo visto,  
parece que eu finalmente faço sentido.

Esse sentido é o da correnteza,  
a existência fluindo e nos levando juntos.

É o entrelace das nossas memórias,  
de sentimentos,  
dando nó no coração e na mente,  
costurando a história  
e me permitindo ser gente.

### **a/c vitória um milhão**

e como proposta de governo  
eu que não sou boba, ordeno  
vitória um milhão no tesouro  
é o que vai tá teno.

caixa 2 caixa 3 quantas caixas  
pra vitória do milhão e  
pro milhão que me vai  
cabendo.

**HIDRA**

aqui do meu lugar  
que não baixo nem alto  
só meio - meio ânsia de ser algo que você entenda  
e perceba  
que aqui tem quem te levaria num jantar  
vestindo o melhor traje pra apontar no meio deles  
que apaguem todos Os e As de suas vozes

**Canção mansa**

Eu te vi cantar um texto e era tão bonite  
Confesso que na minha cabeça fiz uma música com  
sua voz  
Escutei essa canção umas 30x  
Afinei meu violão em Lá pra te ouvir recitar no Sol  
E fazer florir a imaginação  
Você falou a primeira frase e eu senti cheiro de mato  
e mar  
Me deixei levar, afinal eu amo o mar, sou de peixes  
Mar fundo, oceano vasto e infinitas possibilidades  
Conexão  
Conectei a ação da mansidão.  
Do olhar, da escrita, da paz que você traz  
Despiu de ser pra ser grandioso em você  
de forma única, sem colocar e nem acrescentar.  
Levei sua canção pra alma

**h**

a primeira vez que eu te vi eram muitos pixels  
e microfonia comunicando sua empolgação  
pra falar sobre livros com desconhecidos  
meu exemplo perfeito de um participante de clube

vc faz roupas de quadrados colados multicoloridos  
colagem de estampas mile coisas  
e te imagino sempre correndo, ágil e destemide  
nunca capaz de ignorar a luz bonita que bate num  
canto de água

a palavra que me vem quando penso em você  
termina em um e especial  
doce

**a/c má-fer**

má-fer cobra tributos  
má-fer chora no curso  
fumaria má-fer um xanã,  
ou c'uma taba tav'era,  
má-fer,  
na sala?

dois touros lentos  
cozinhando em fogo baixo

you me fez acessível  
derretendo o incêndio no meio da ponte  
não tinha muita coisa na minha casa  
mas uma mesa e duas cadeiras sim

e a gente se embolou nas palavras  
e eu fiquei nervoso de te ver  
mas vc aceitou rápido o convite  
e eu te assiti e te admirei

falei mais do que devia  
mas falamos do ilê, do tempo  
ilê tempo fogo baixo  
ser mulher, não ser mulher

dois touros lentos  
bebem água e admiram a paisagem

Não falei, te escutei  
e me vi em tuas palavras  
tive a chance de me refazer  
abriu um espaço no tempo  
quis ser visto através dos teus olhos  
poderia costurar tuas palavras na minha pele  
que elas gritariam significados  
não me sinto tão só



## **CADERNOS SÃO LIVROS QUE A HISTÓRIA NÃO VIU**

### **O projeto CADERNOS da Editora Monstra e Casa 1**

A partir de uma reflexão acerca dos espaços e acontecimentos que a História não consegue enxergar, ou mesmo não se interessa por isso, e do chão infraordinário das vivências do cotidiano que são capazes de narrarem a si mesmas, e que portanto disputam a ideia de Oficialidade dessa História, surgiu o projeto CADERNOS.

Promovido pela Editora Monstra e pela Casa 1, CADERNOS é um método de publicação que visa fomentar, através da criação de um espaço íntimo e coletivo, a produção literária que tem na vivência individual (logo social, política, cultural) sua principal matéria. Tendo como lastro o conceito de “Escrevivência”, cunhado pela escritora Conceição Evaristo, o projeto acredita na potência da escrita como ferramenta de afirmação de mundos e pensa o livro como um meio que pode enfrentar o circuito hegemônico de um tipo de saber, este estruturado também por outros livros.

Em suas edições, CADERNOS conta com a parceria da artista gráfica e publicadora Laura Daviña, do PS São Paulo e Parquinho Gráfico, e a orientação de pessoas convidadas para mediar (ou seria inspirar?) os encontros. Neste “Álbum de memórias”, foi Caio Jade e Félix Perini quem fizeram, lindamente, esta tarefa.

Anteriormente em 2021, na ocasião da IV Semana da Visibilidade Trans da Casa 1, foi lançado “Escrevivências: CUSTuras poéticas”, a primeira experiência desta forma de trabalho. Com mediação do dramaturgo Daniel Veiga, 9 autoras e autores escreveram contos, poemas, dramaturgias, roteiros, etc. dando origem a um livro múltiplo, pulsante, cheio de vida. Na sequência, lançamos “Poéticas de Vida:

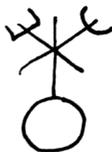
escritas de si(da)”, que surgiu da parceria com o GIV - Grupo de Incentivo à Vida, iniciativa localizada em São Paulo que desde 1990 luta pelos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS, e que teve a mediação do escritor e pesquisador Leandro Noronha. Ambos os livros vêm sendo distribuídos gratuitamente ao público e espaços, centros culturais e bibliotecas parceiras.



**adelaide de estorvo** é educadora; atuou em diversos espaços de educação formal e popular. é bacharela em história [UNESP], mestra em ciências sociais [UNIFESP], pós-graduanda em arteterapia [FAVENI], pesquisadora dos modos de desobedecer, produz também como escritora e artista. p. 11, 12, 76, 81, 85



**beatriz rgb** é não binária que vive na ilha de santa catarina. pesquisa nos estudos feministas da tradução e/m queer~cu-ir na UFSC, assim como escreve, traduz, revisa e edita. trabalha com poesia, prosa e textos de não ficção sobre temas feministas, queer~cu-ir e místicos. vive em an/danças. p. 39, 50, 51



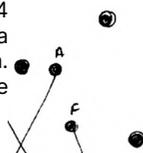
**benjamin belchior** 27 anos, psicólogo com mais 3 peixes no mapa, homem trans (ele/dele), caçara de Santos/SP. Escrevo pra transpassar linhas de tempo e de mim mesmo. p. 9, 14, 64, 83, 87



**caio jade** é graduado em filosofia e mes-trando no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. Estuda autobiografias trans e filosofias decoloniais. Ministra oficinas e minicursos de escrita criativa e é professor de filosofia. p. 5



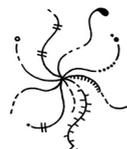
**dani silva** (ela/elu). pessoa não-binária, 24 anos, da zona leste de são paulo. cientista social pela universidade estadual paulista. pesquisa justiça social, desobediência e poética de gênero e raça. @wolotov p. 8, 18, 36, 37, 77, 79, 88



**davi santiago** é gay não-binário, tem 18 anos, amante de história, literatura e da escrita. tem como sua maior paixão a música e a descoberta. p. 68, 69, 73



**diran serafim** é fotógrafo e colorista. Formado em Audiovisual pela Universidade de São Paulo e tem como tema de sua pesquisa visual o registro de transição. p. 21



**francis** agênero de 23 anos, vivendo de experimentações em território sul-mato-grossense. Desenho, pinto, tatuou e me arrisco a escrever, também curso Licenciatura em Artes Visuais na UFMS. Tô sempre expondo em feiras por Campo Grande e postando meu trabalho em @punkmarinho p. 16, 17, 58, 59, 80



**félix perini** transviado nascido em goiânia. artista da colagem de desenho, recortes e som. designer gráfico e de produto. espalha a palavra da autopublicação, organiza clubes de leitura, sagitauriane pai de pet. p. 84, 86



**guilherme calixto** é um boyceita branco, bissexual/pansexual, periférico e não-mo-nogâmico de 23 anos. Atualmente cursa Antropologia Social na UFSC e é bacharel em Administração Pública. É integrante da Casa de Coragem. p. 15, 46-48, 65, 66, 70, 71





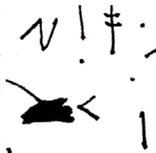
**gustava** é travesti, negra, positHIVa, educadora popular. Ministra aulas particulares através do seu projeto Afeto Linguístico, trabalha com redação na rede particular de ensino. É artista, ativista social e uma das mães da Casa de Laroyê na Cultura de baile de Goiânia. p. 56



**hidrael** não binário, cursa comunicação e multimeios na universidade estadual de maringá, eh artista e trabalha com estética e criação visual no instagram |dkahidra|, possui uma loja de criações upcycling |h.ibri.d| e está costurando-se aos poucos pelo mundo. p. 30-33, 63, 82



**isabô saldanha** é artista visual, sapatão não binário. Desenvolve, ao lado de Efe Luz, trabalhos que buscam refletir sobre público/privado. Entende o digital como espaço de disputa e ação e, por isso, sua pesquisa também dialoga a criação de nossas personas projetadas no online, além da própria performatividade dos corpos nesses espaços. p. 10, 34, 35, 44, 45



**isis** é sapatão não-binário, proletário nas horas vagas, artista em tempo integral. desenha, escreve, traduz, pesquisa, edita y faz-de-um-tudo. toca a editora independente de escritos dissidentes @machorraedicoes. p. 40-43



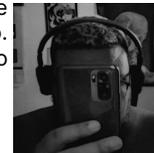
**líia vallejo** marimacha trans nacide de honduras migrante en Brasil. Artista visual, performer y diseñadore gráfica. Forma parte de @lamaricada.colectiva. p. 28, 29, 75



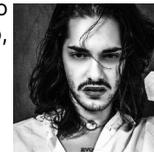
**maria fernanda ghirardelli** travesti. Escritora. Atriz. Dominatrix. @madamet\_ravesti p. 26, 27, 55, 57, 76



**thomaz oliveira** homem trans preto de 28 anos, nascido no litoral de São Paulo. Apaixonado pela escrita vem tentando fazer e se refazer através dela. p. 19



**vitór gaiotti** ator, artista, pessoa não binária, gay, orgulho de “estar” sendo, existindo e resistindo. p. 60, 61



**vitória melo** artista multiplataforma, tenho a imagem como estudo e campo de experimento, seja ela estática, em movimento, projetada ou materializada. Nos meus trabalhos, me interessa o cotidiano, o atravessamento com o outro e comigo mesma, o corpo-político-super-te-macumba. p. 67, 72, 78



**vitória um milhão** é uma jovem multiartista paraibana. estudante do curso de artes visuais, a artista escreve, desenha, pinta e se expõe no audiovisual. sendo a vivência travesti e gorda o fio principal de seus trabalhos. vitória é supersticiosa, cautelosa, desinibida e de água. p. 22-25, 52-54, 76





**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Álbum de memórias. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Monstra, 2022. -- (Cadernos ; 1)

Vários autores. ISBN 978-65-997117-2-5  
1. LGBTQIAP+ - Siglas 2. Poesia brasileira  
I. Série.

22-104306

CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

---

CAPA e PROJETO GRÁFICO realizados por Félix Perini e integrantes da oficina *álbum de memórias: autobiografia e autopublicação*.

A oficina foi promovida pela V Semana da Visibilidade Trans da Casa 1 em fevereiro de 2022. O livro foi composto nas tipografias Inter, Arial e Happy Times, com a primeira impressão feita em março de 2022.



EDI  
TORA  
MONS  
TRA

CASA 